

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Commercio

Class.: 55

Data: 24 de Novembro de 1953

Pg.: _____

Um pouco de Amazônia e ecologia-II

SÍLVIO MEIRA

PROF. DE DIREITO, HISTORIADOR E ESCRITOR

Em 1964 ou 65, estando no poder três cearenses eminentes: Presidente da República, o general Castelo Branco; Ministro Juarez Távora e comandante da Região Militar em Belém, o general Jurandir Mamede, encarregaram-se de arrancar os trilhos, os dormentes, as instalações, os vagões (alguns encomendados no exterior e que nem haviam chegado) uma magnífica oficina mecânica de Marituba e transportaram tudo para o Ceará, onde essa via férrea está prestando serviços até hoje.

A vegetação nativa da região bragantina foi em grande parte destruída pelos colonos nordestinos. A terra empobreceu. Felisberto Camargo, em 1948, chegou a ter a ideia extravagante de transferir toda a população bragantina para o Baixo Amazonas. Uma loucura, que felizmente não se efetivou. É a parte de maior densidade demográfica do Estado. Pois bem. Hoje, ali, desenvolvem-se vários planos agrícolas e industriais, que demonstram não ser a floresta insubstituível. Nada é insubstituível neste mundo. Nem os homens — como o dizia Castelo Branco — nem os vegetais. Quem visita aquela região encontra plantações de dendê florescentes, produzindo, na estrada Belém-Mosqueiro, encontra seringa de cultura da Pirelli, em Anhangá; encontra plantações de pimenta-do-reino por toda a parte; encontra culturas de mamão tipo Havai, feita por japoneses; municípios novos surgiram, como o de Capitão-Poço, que em pouco tempo dominou o mercado na produção de laranjas; encontra indústrias novas, de todas as finalidades. E, sem favor, a zona mais próspera do Estado, onde se localiza o Município de Castanhal que adotou o "slogan" de que é o "que mais cresce no Estado".

A derrubada da mata originária pelos nordestinos, no início do século, muito embora, sob certos aspectos, mereça alguma censura, não impediu todavia que a região recebesse novos influxos de progresso, aproveitando as suas reservas naturais. O clima não sofreu alterações assinaláveis. Há cidades, como Peixe-Boi, nas proximidades de Capanema, cujo clima é recomendado para doentes de tuberculose. A partir das quatro horas da tarde sente-se a baixa de temperatura.

Por toda a parte, na região bragantina, produzem-se fibras para exportação, como a uacima, que é nativa, e cereais de toda natureza. Em alguns por se mostrar propícia à pecuária, principalmente à margem dos rios.

E que dizer das várzeas, em toda a Amazônia, que somadas dariam uma área superior a alguns pequenos países europeus? Só um programa de desenvolvimento das várzeas seria capaz de confirmar a afirmativa, que se atribui ao sábio alemão Von Humboldt, de que a "Amazônia será o celeiro do mundo".

No final da década dos anos 40 houve o propósito de aproveitar-se o vale do rio Guamá para a plantação de arroz, que ficaria a cargo de colonos de origem nipônica. Esse plano encantou muito o então líder no Senado Federal, Álvaro Adolfo, representante do Pará. E que dizer dos demais vales que se distribuem por toda a Amazônia, que podem ser explorados, sem que as florestas nada sofram?

Outro exemplo digno de menção especial é a região de Tomé-Açu, hoje município destacado do Acará, onde os ja-

poneses instalaram a maior produtora e exportadora de pimenta-do-reino do mundo.

Durante a última guerra aquela região foi escolhida para ser uma espécie de campo de concentração. Ali já se encontravam cerca de 3.000 japoneses. Para lá foram mandados (segundo informação verbal que obtivemos in loco), cerca de 30 famílias de alemães e uns poucos italianos. Hoje Tomé-Açu é município e contribui poderosamente para a economia do Estado.

Os "maníacos ecológicos", que às vezes apresentam ideias válidas em momentos de lucidez, devem conhecer melhor a Amazônia. O Brasil e o mundo estão cheios de "amazônidas do asfalto", aqueles que a julgam como se fora um grande quintal, que em breve vai desaparecer pela ação de máquinas destruidoras.

Só Marajó mereceria um vasto estudo, com as suas peculiaridades locais, as suas alagações periódicas, os seus tesos, o seu gado bovino e equino resistindo à ação da natureza adversa, os búfalos, que ali encontraram o seu habitat ideal.

Temos na Amazônia muitas Amazonas, bem diferentes entre si, variações na vegetação, climas ora mais fortes, ora mais suaves. Comparem-se as friagens do Acre, provocadas pelo degelo dos Andes, com o calor infernal (que deve ter inspirado Alberto Rangel) das proximidades de Manaus, a frescura agradável dos ventos que sopram do mar no litoral leste do Pará.

Temos praias que podem rivalizar com as mais belas da Bahia ou do Rio de Janeiro, como a do Atalaia, em Salinópolis, com uma extensão de cerca de 25 quilômetros e largura de um quilômetro. Variam os climas, varia a vegetação, varia a fauna terrestre e marítima. A foz do Amazonas é um viveiro de espécies que só ali existem, como a piramutaba, o filhote, o bacu. Em Maracanã, no leste paraense, colhem-se ostras, sim, ostras, na Amazônia.

Como falar, então, em uma Amazônia uniforme, toda igual, coberta de mato, que deve ser preservado?

Outra observação que merece reparo. Apenas em alguns trechos a sua terra se torna árida, por erosão e queimadas contínuas. Há imensos territórios de terra roxa, própria para a agricultura, como às margens da Transamazônica, no trecho compreendido entre Altamira e Itaituba. Ali o Governo federal instalou uma usina de açúcar (que não sei por que se chama Abraão Lincoln, quando deveria ser Euclides da Cunha), a fim de aproveitar a fertilidade do solo.

Vimos à margem da Transamazônica, em trecho paraense, armazéns da Cibrazem repletos de produtos agrícolas, especialmente o arroz.

Celeiro do mundo, sim, poderá ser a Amazônia, desde o momento em que os homens públicos procurem estudá-la, conhecê-la, interpretá-la como ela o é na verdade.

A Transamazônica é algo que não pode ser esquecido, como o vem sendo desde 1975.

Essa, porém, é outra história (ou estória), que contaremos noutra oportunidade. Lamentamos apenas, que no atual governo, nenhuma autoridade governamental tenha posto os pés em qualquer trecho da Transamazônica, que, em cerca de mil quilômetros, de Marabá a Itaituba, via Altamira, está repleta de gaúchos, mineiros, paulistas, catarinenses, a tal ponto, que só o trecho Marabá-Altamira elegeu ultimamente um deputado federal, de origem sulina, com sobrenome italiano ou alemão.